

## Editora Nova Fronteira Além das pipas do verão

2007-02-14

Gazeta do Povo - Curitiba

10

01 - Editora Nova Fronteira

G

2007-02-04

LIVROS ■ LITERATURA DE ENTRETENIMENTO ESTIMULA O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

# ALÉM DAS PIPAS DO VERÃO

NADA CONTRA HOGWARTS, A ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DO CÉLEBRE HARRY POTTER, mas esta temporada continuou sendo do Afeganistão. É o que indicam as listas de livros mais vendidos, encabeçadas há meses por *O Caçador de Pipas* (Nova Fronteira) e *O Livreiro de Cabul* (Record), nos gêneros ficção e não-ficção, respectivamente. Ambos têm como pano de fundo o seco e montanhoso país centro-asiático. Mas o gosto pelo exótico é apenas um dos elementos que impulsiona o sucesso dos best sellers.

"No verão, as pessoas costumam procurar por leituras mais descompromissadas", explica a professora e doutora em Literatura, Marta Morais da Costa. A literatura de massa nasceu na França, no século 19, com os "folhetins" publicados em jornais. Uma leitura dirigida principalmente às mulheres e com uma grande carga de sentimentalismo. São os antepassados dos best sellers de hoje. Só que o tema da vez é a cultura oriental e o revisionismo religioso.

"A cada ano muda o assunto, mas a estrutura desse tipo de narrativa é muito parecida. É uma mistura de personagens que vivem um conflito – no qual os leitores precisam acreditar – com acontecimentos inesperados, momentos de perigo e uma linguagem simples e direta, sem rebuscamento ou eruditismo", explica Marta.

Os leitores sabem que os personagens vão passar por momentos difíceis, mas isso não os desestimula. Querem saber qual vai ser a solução encontrada e os desdobramentos da narrativa. É uma espécie de maso-

quismo, muito próximo daquele que leva os espectadores à uma sessão de um filme de terror, onde sabem que vão sentir medo.

No Brasil, o folhetim se popularizou com *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Publicado em 1844, no rodapé do *Jornal do Comércio*, o livro alcançou grande sucesso de público. "Costumo dizer aos meus alunos que *A Moreninha* foi o primeiro best seller brasileiro", conta a professora Cátia Toledo Mendonça, que realizou seu doutoramento a partir da *Coleção Vaga-Lume*, clássicos da literatura juvenil.

De lá para cá o mundo mudou. E a literatura também. O século 20 viu a chegada de livros como *Ulisses*, de James Joyce, e *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust que representaram, cada um ao seu modo, o que pode haver de mais complexo e inovador na literatura. "Só que são livros que exigem muito do leitor. Normalmente não são lidos fora da academia", conta Cátia.

E o prazer de ler? "Um leitor competente, crítico, também encontra prazer na literatura de entretenimento, nos 'livros de verão'. Serve como um respiro, porque ler somente textos complexos angustia", explica Marta.

O escritor francês Daniel Penac é outro defensor da literatura por prazer. Elaborou uma série de 10 "direitos do leitor", que incluem o direito a pular de páginas – coisa que todo mundo já fez, mas ninguém conta – e o direito ao "bovarismo" – termo emprestado do romance de Flaubert e que seria algo como o direito a se maravilhar lendo *Sabrina, Julia*, ou mesmo algum dos



Hosseini, autor de *O Caçador de Pipas*, maior best seller de *Código Da Vinci*.

### NÚMEROS

**3 a 5 mil**  
EXEMPLARES

é a média das primeiras edições no Brasil, no segmento literatura

**15 mil**  
CÓPIAS

é a média das tiragens do segmento de auto-ajuda

**30 mil**  
EXEMPLARES

vendidos já é considerado um sucesso. Poucos, muito poucos, atingem os 1,4 milhões de cópias de *Código Da Vinci*, vendidos no Brasil.

romances de Sidney Sheldon, que morreu esta semana e deixou como herança mais de 20 romances e milhares de fãs.

Os "livros de verão" criam um vínculo curioso com seus leitores. Não é difícil encontrar gente que cria uma espécie de culto em torno de seus escritores, como Dan Brown, Anne Rice e Zibia Gasparetto. "Tem uma senhora que chega todos os meses com uma lista dos livros da Zibia que ela já leu e pede algum que ainda não esteja lá", conta

Claudecir de Oliveira Rocha, estudante de Letras e vendedor das Livrarias Curitiba. Na sua opinião, dificilmente a literatura de entretenimento serve como uma porta de entrada para literatura mais complexa. "Normalmente, o leitor gostou do estilo e quer ler sempre a mesma coisa", arrisca. A professora Marta concorda: "Esse tipo de literatura cria um pacto de amizade com o leitor e ele fica acomodado, não se arrisca a subir os degraus da leitura".

### Auto-ajuda

Impossível falar de best sellers sem passar pelos livros de auto-ajuda que, ao lado dos livros didáticos e dicionários, são os "primos ricos" do mercado editorial. Só que o conceito de auto-ajuda se modificou com os anos. Se, inicialmente, propunha caminhos mais abstratos – algo como "respire profundamente e visualize uma luz azul..." – hoje os lançamentos poderiam perfeitamente estar ao lado de livros de administração.

"Auto-ajuda sim, mas uma auto-ajuda que funciona", afirma João Aécio, assessor de imprensa das Livrarias Curitiba. Para Alice Dias, que integra o departamento editorial da Editora Sextante – responsável por boa parte dos sucessos do gênero auto-ajuda – o leitor busca resultados. "São livros que ensinam maneiras de investir, de administrar o dinheiro", explica. Títulos como *O Monge e o Executivo* (Sextante) e *Os Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* (Gente) se tornaram versões facilitadas de livro de negócios. E, para as editoras, bons negócios.

• LUIS ALVAREZ